

# RACISMO WOKE

Como a  
militância traiu  
o movimento  
antirracista

**JOHN McWHORTER**

**JOHN McWHORTER**

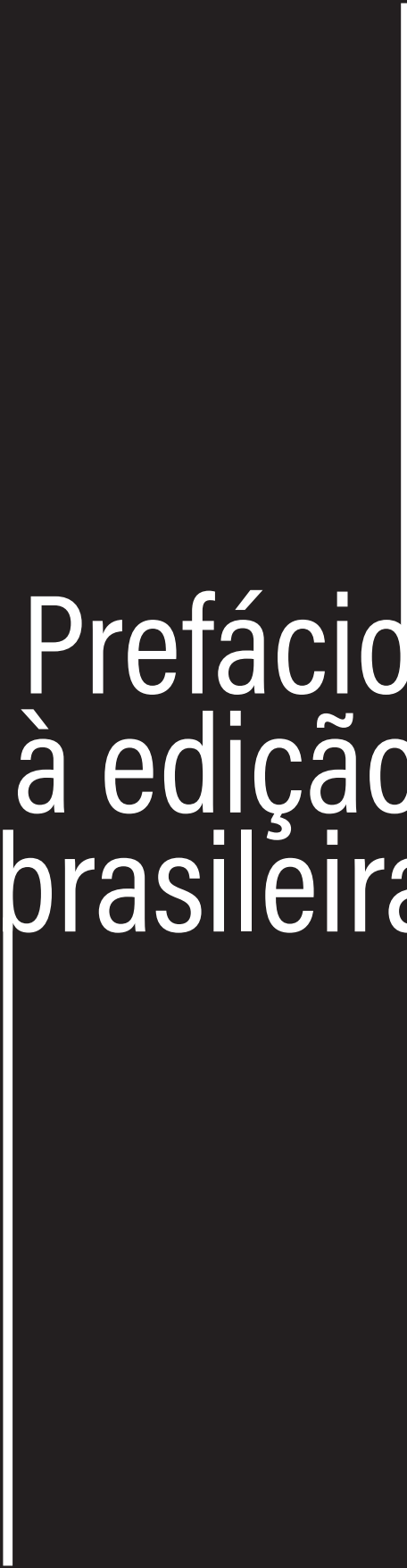
Tradução  
**VICTOR MANDELLI**

# **RACISMO WOKE**

Como a  
militância traiu  
o movimento  
antirracista



*Este livro é dedicado a cada um que encontra dentro de si uma posição contra esse desvio no desenvolvimento intelectual, cultural e moral da humanidade.*



Prefácio  
à edição  
brasileira

O que você tem em mãos é a tradução do livro do professor John McWorther sobre o movimento antirracista contemporâneo. Mas este não é o único livro de sua autoria sobre o assunto. Em 2001, McWorther lançou *Losing the Race: Self-Sabotage in Black America*. E, em 2007, lançou *Winning The Race: Beyond the Crisis in Black America*. Também escreveu vários artigos sobre o tema para sua coluna no jornal *The New York Times*. Essa produção substantiva esconde um detalhe curioso: McWorther é um neófito na discussão das relações raciais. Linguista de formação, é professor do departamento de Inglês e Literatura Comparada da Universidade Columbia. Passou a se interessar pela temática ao notar as distorções do movimento que arroga para si a exclusividade de luta pelos negros. Não parou mais; as distorções são numerosas e escandalosas demais para serem ignoradas conscientemente.

A obra traz contribuições valiosíssimas, mas eu seria negligente em deixar de sublinhar a principal: o autor denuncia como o movimento antirracista contemporâneo transformou pontos políticos sobre igualdade racial em dogmas religiosos; o agrupamento desses pontos forma o que ele chama de *Catecismo das Contradições*. Eu, como católica romana, devo alertar que quando a obra faz menção à religião, não está apontando que religião é algo ruim ou negativo; está apontando que o movimento antirracista construiu um tipo de comportamento político que replica as mais extremistas condutas de fundamentalistas religiosos e a estrutura doutrinal vista em muitas igrejas (clero, leigo, rebanho, evangelho, pecado original, penitência etc.). É importante não perder de vista que o amor é o epicentro da maioria das religiões como o cristianismo; McWorther faz questão de demonstrar que o

movimento antirracista, enquanto religião social contemporânea, não possui nem amor nem misericórdia por quem quer que seja.

Fazendo uma analogia com o movimento feminista, que é didaticamente analisado através das três ondas, McWorther apresenta, de maneira bastante inovadora, as três ondas do movimento antirracista: a **primeira onda** é caracterizada pela luta da abolição à escravidão e da segregação legalizada; a **segunda onda** é caracterizada pelo combate às atitudes racistas presentes no cotidiano dos Estados Unidos. O racismo era considerado uma falha moral; e a **terceira onda**, que se tornou *mainstream* a partir dos anos 2010 e é marcada pela ideia de que o racismo está na estrutura social. Pessoas brancas seriam cúmplices desse racismo e essa cumplicidade constitui o racismo por si próprio. Por sua vez, pessoas negras precisam lidar com o racismo em torno delas e compreender que este representa a totalidade de sua existência; o racismo tornou-se o núcleo da identidade da pessoa negra e a riquíssima história da negritude foi reduzida pela associação a seu principal algoz.

Nós estamos na terceira onda. O autor construiu seu pensamento a partir do contexto americano, que guarda peculiaridades, distinções e semelhanças em relação ao contexto brasileiro. Ainda assim, a descrição produzida pelo autor é bastante semelhante ao cenário nacional e isso não é exatamente uma surpresa, visto que lideranças negras brasileiras são influenciadas pela produção intelectual americana e, em alguns casos, recebem até financiamento de organizações americanas para conduzir pesquisas e promover ativismo político.

McWorther argumenta que o movimento antirracista estava correto nas lutas empreendidas durante a primeira e a segunda ondas. A sua crítica é sobre a terceira onda, quando o movimento evadiu do objetivo de defender *negros* e rumou para o novo objetivo de defender apenas *negros que concordam com os cânones estabelecidos pelo alto clero da militância*. Os negros do segundo grupo recebem o tratamento que um indivíduo que cometeu um gravíssimo pecado recebe em algumas religiões abraâmicas: a excomunhão.

Com lealdade aos princípios políticos progressistas ou qualquer outra denominação que habite o campo político das esquerdas, o

movimento antirracista marginaliza e difama todo negro que publicamente se classifica como conservador, liberal ou até mesmo cristão; o ativismo antirracista autoriza, por inação ou motivação deliberada, o racismo praticado contra negros que não são de esquerda. Para o ativismo, esses negros teriam sido contagiados pela “brancura” – como bem disse Douglas Murray em *A guerra contra o Ocidente* – e se tornaram “traidores da raça”, termo cuja versão nacional é “capitão do mato”. Na perspectiva do ativismo, o negro ideal é esquerdista, praticante de candomblé ou umbanda, opositor ao cristianismo, usuário de indumentária que retoma à África idílica, em conotações quase folclóricas, criada na mente ativista e romanticamente envolvido com pessoas negras. Ou seja, como a imensa maioria dos negros brasileiros são cristãos (católicos ou protestantes), o que é ideal para o ativismo é um grupo cada vez mais minoritário no Brasil. Trocando em miúdos: o movimento antirracista contemporâneo não trabalha para combater o racismo; trabalha, sim, para combater *algumas* formas de racismo.

Além dos males causados à comunidade negra, os ativistas da terceira onda do antirracismo são orientados por um conjunto de princípios que formam uma espécie de cartilha de comportamento para pessoas brancas. A cartilha exibe, sem deixar qualquer possibilidade de dúvida, posições que não possuem efeito prático para o real combate ao racismo e geram mais confusão do que esclarecimentos. Um exemplo atual e nacional cabe: em setembro de 2023, uma servidora de um dos ministérios do governo federal publicou em sua rede privada um conjunto de palavras ofensivas dirigidas a brancos e a cidadãos paulistas. Para qualquer pessoa com senso ajustado e bússola moral atualizada, o caso foi mais um lamentável exemplar do que chamamos de injúria racial. Como a servidora era uma mulher negra, rapidamente ergueu-se um levante em sua defesa, que apontava que as palavras da servidora eram, de fato, ruins e desnecessárias, mas ninguém ousou chamar o caso pelo que realmente é: injúria racial. Como o ativismo antirracista brasileiro passou a adotar a teoria do racismo estrutural como verdade absoluta e inquestionável sob pena de penalidades de excomunhão e humilhação pública, começou-se a difundir a ideia de que apenas pessoas brancas podem cometer crimes de ódio

com motivação racial ou de procedência nacional. Então, casos como esse, no atual estado do debate público, são o que eu gosto de chamar como “coisa sem nome” (para lembrar a proposição da feminista americana Betty Friedan que cunhou o termo “problema sem nome” em sua clássica obra *A mística feminina*).

A “coisa sem nome” é, essencialmente, um produto do ativismo de terceira onda; nem sempre se pensou dessa forma. O primeiro governo Lula (2003-2006), através de sua Secretaria Especial de Direitos Humanos, publicou em 2004 uma cartilha intitulada “Politicamente Correto & Direitos Humanos”<sup>1</sup>, que reunia definições de vários verbetes e sinalizava o porquê era errado utilizá-los. Veja o que diz o verbete “branquelo”: “*Por incrível que pareça, existe no Brasil preconceito racial contra pessoas brancas. Mais fortemente, contra membros das colônias europeias no Sul do País. ‘Branquelo’ e ‘branquelo azedo’ são duas das expressões pejorativas contra os brancos.*” O governo Lula, tido como caro aliado do movimento antirracista, fez uma publicação institucional reforçando a noção de racismo que existe entre os brasileiros: crime de discriminação contra pessoas em razão de sua cor de pele, independentemente de qual cor seja o racista ou sua vítima. A publicação, claro, foi feita durante a segunda onda do ativismo antirracista e eu duvido que seria replicada nos dias de hoje.

O comportamento dogmático do ativismo de terceira onda é tão irascível que McWorther decidiu dar um nome a seus ativistas: “*Os Eleitos*”, porque “eles realmente acham que são os portadores de um conhecimento que lhes é de direito por uma infinidade de motivos: talvez uma inclinação movida pela empatia, experiência de vida e até mesmo inteligência. Mas também se veem como os escolhidos, como pessoas que, por um ou mais desses fatores, compreendem algo que a maioria não entende.” Em algum grau, lembra o que Thomas Sowell chamou de “ungidos”<sup>2</sup>.

- 
- 1 Referência: QUEIROZ, Antônio Carlos. **Politicamente correto e direitos humanos**. Brasília: SEDH, 2004. 88p.
  - 2 Ver SOWELL, Thomas. **The Vision of the Anointed: self-congratulation as a basic for social policy**. Nova York: Basic Books, 1995.



A cartilha dogmática dos “*Eleitos*” toma de assalto a estrutura de religiões abraâmicas para desenvolver seu ativismo de forma implacável, pois há: **1) superstição**, que estabelece que a principal coisa a acreditar é ser antirracista e a principal coisa a fazer é denunciar o privilégio branco; **2) clero**, que é constituído por acadêmicos e intelectuais públicos dispostos a formular astutas e renovadas variações dos pontos cruciais apresentados na superstição; **3) pecado original**, que é o privilégio branco; **4) comportamento evangelizador**, que entende que todo negro que não pensa como *Os Eleitos* precisa ser imediatamente convertido e todo branco deve assumir seu privilégio, porque “*não basta não ser racista. É preciso ser antirracista*”, mas nos termos da doutrina; **5) apocalipse**, que, segundo a nada sagrada escritura dos Eleitos, haverá um Dia do Julgamento e o racismo será finalizado. Antes, contudo, é necessário conduzir toda a civilização por intensivos episódios de automortificação combinados com ativismo político aterrizante, que levam à implosão de um valor muito precioso do Ocidente: a liberdade de pensamento.

A obra de McWother é fundamental para compreender o ativismo antirracista. O autor é um intelectual negro que está resistindo, de maneira exemplar e digna, ao silenciamento e à difamação promovida por ativistas antirracistas. Sua obra deve ser lida e divulgada por todos os brasileiros que reconhecem que o racismo é um problema sério que deve ser enfrentado por qualquer sociedade alicerçada em princípios liberais e que reconhecem, ainda, que a atual configuração do movimento antirracista causa mais males do que benefícios à sociedade. Agradeço à editora Faro pela coragem e compromisso em publicar um livro tão necessário.

**PATRICIA SILVA**

Pós-doutoranda em Sociologia pela UFRJ e autora do livro *O que não te contaram sobre o movimento antirracista*

# Prefácio

Introduções compridas não fazem muito meu estilo. Mesmo assim, antes de começarmos, eu gostaria de dar ao leitor uma noção do que vem por aí.

Este livro não é um apelo para que pessoas de certa ideologia específica despertem para a importância de um mercado aberto de ideias, para que entendam o valor de discussões robustas e percebam a tolice de defenestrar gente com opiniões diferentes. Minha suposição é de que esse grupo em questão é altamente inalcançável por argumentos assim.

Pelo contrário, este livro é um apelo para o resto de nós, para quem entende que pessoas de certa ideologia estão tentando transformar o mundo com base no racismo. Elas não têm conhecimento disso e, quando são informadas, não conseguem admitir. E então a tarefa fica para o restante de nós.

Meus principais objetivos serão:

1. Argumentar que essa nova ideologia é, na realidade, uma religião em todos os aspectos menos no nome, e que isso explica a razão de algo tão destrutivo e incoerente ser tão atrativo para tanta gente boa.
2. Explicar o motivo de tantos negros serem atraídos para uma religião que nos trata como tolos.
3. Mostrar que essa religião é ativamente prejudicial para negros, apesar de ser vendida como um movimento “antirracista” sem igual.

4. Mostrar que um projeto pragmático, efetivo, liberal e até mesmo com um quê de ideologias de esquerda para resgatar a negritude não precisa ser fundado nos princípios dessa nova religião.
5. Sugerir formas de diminuir o apelo dessa nova religião em nossa cultura de massa.

Espero que minhas observações sirvam como uma de muitas contribuições para nosso debate a respeito do que constitui a tal “justiça social”. Minha meta não é apenas atizar aqueles que já concordam comigo. O que eu quero é alcançar aqueles em cima do muro, atraídos pela paixão e pela retórica dessas ideologias, mas incapazes de ignorar suas bússolas morais internas. Quero que eles se comprometam com convicção com o que eu procuro: ajudar a melhorar as coisas para pessoas de verdade.

## **O que este livro não é**

Não precisamos nos preocupar com as objeções básicas que este livro sofrerá. Que eu descaracterizo e/ou desrespeito religião. Que estou simplificando demais. Que o verdadeiro problema é a direita militarizada. Que não sou negro o bastante para escrever este livro. Que não sou simpático, e por aí vai. Responderei a cada uma dessas questões conforme formos seguindo, e então oferecerei soluções genuínas. Mas primeiro, aqui vão algumas coisas que este livro não é:

1. Este livro não é um argumento contra protestos. Não estou argumentando contra as premissas básicas de movimentos como o Black Lives Matter [Vidas Negras Importam], muito embora eu discorde de certos desdobramentos. Não estou defendendo que os movimentos dos Direitos Civis (que aconteceram principalmente nos anos 1950 e 1960, nos Estados Unidos) teriam conquistado muito mais com negociações pacíficas. Não estou

argumentando contra a esquerda. Meu problema é com uma cepa em particular da esquerda que passou a exercer uma enorme influência em instituições governamentais ao ponto de estarmos começando a aceitar como normal o tipo de linguagem, medidas e ações que Orwell escrevia como ficção.

2. Não escrevo este livro pensando nos direitistas como meu público-alvo. Os membros desse grupo são bem-vindos para participar da conversa, mas são dois os segmentos da sociedade que tenho em mente. Ambos são o que considero meu povo, e é por isso que o que está acontecendo me preocupa tanto.

Um deles é o público que lê jornais de grande circulação e escuta estações de rádio e que, na inocência, acabou com a impressão de que tratar a questão racial com uma virtude piedosa e não empírica é uma forma de engrandecimento moral e ativismo político a ponto de eles próprios viverem no risco de cometer racismo sem querer. Aqui, me referirei bastante a esse grupo como “brancos”, mas eles podem ser de qualquer cor, inclusive da minha. É desse mundo que faço parte. Eu leio grandes jornais, tenho dois filhos e assisti a *Sideways — entre umas e outras*. Amei tanto *A escuta* quanto *Parks and Recreation*.

O outro são os negros que inocentemente acabaram com a falsa impressão de que, apenas para nós, lamentos de fraqueza constituem algum tipo de força, e de que, apenas para nós, o que nos torna interessantes e espertos é uma persona fabricada de almas eternamente vitimizadas, sempre carregando e sendo definidas por memórias e feridas de nosso povo através de quatro séculos, sempre “ignorados”, sempre “incompreendidos”, sempre, em vários sentidos, com algo a receber.

3. Este não é apenas um livro de reclamações. Meu objetivo não é arriscar uma declaração nebulosa de que os supermilitantes dos dias de hoje precisam entender que a diversidade de opiniões é crucial para uma sociedade saudável. Citar John Stuart Mill para

essa gente não serve de nada. Nossas conversas atuais são um desperdício imenso de energia porque deixamos de lado o quanto é inútil “dialogar” com eles. De cem cristãos fundamentalistas, quantos você imagina que poderiam ser convencidos por meio de argumentos a virar ateus? Não existe motivo algum para que a quantidade de pessoas que poderiam ser convencidas a sair dessa outra religião seja maior.

Logo, nosso foco deve estar em como continuar seguindo com um processo genuíno *apesar* dessa ideologia. Como podemos contorná-la? Como isolar pessoas com boas ideias da influência de preocupações litúrgicas? Como impedir essa ideologia de exercer ainda mais influência na educação de nossos jovens do que já exerce? Como conduzir vidas socialmente benévolas em meio à necessidade de engajamento na doutrina religiosa desses indivíduos, apresentada com a seriedade e a insistência inexpugnável digna de colonizadores, quando praticamente nenhum deles compreende que está praticando religião, e não política?

Tendo dito isso, meu interesse não é “Como podemos atingir essas pessoas?”, porque não podemos; pelo menos não numa quantidade delas que faça a diferença. A questão é: “Como viver com tranquilidade entre elas?”. Buscamos uma mudança genuína no mundo real, mas durante esse processo teremos que lidar constantemente com os pregadores de um evangelho ávidos por expor hereges e prontos para, a qualquer momento, nos rotular como perversos morais.

Minha motivação visceral para escrever é o fato de que a ideologia em questão é uma crença na qual pessoas brancas se chamando de nossos salvadores fazem pessoas negras parecerem os seres humanos mais burros, fracos e autoindulgentes na história de nossa espécie, e ensinam pessoas negras a festejarem essa posição e celebrá-la como se fosse algo que nos fizesse especiais. O que mais me consterna é pensar nessa doutrinação afetando o senso de identidade de minhas filhas.

Não tenho como estar com elas o tempo todo, e essa ideologia anti-*humanista* é bem capaz de rastejar para dentro do currículo escolar. Sinto calafrios só de pensar nisto: professores com olhos reluzentes diante da chance de mostrar todo seu antirracismo e encher a cabeça de minhas meninas com showzinhos enquanto as instruem a respeito de como elas são símbolos, e não indivíduos. Em *Entre o mundo e eu*, Ta-Nehisi Coates quis ensinar ao filho que os Estados Unidos são contra ele. Pois eu quero ensinar para minhas crianças a realidade da vida no século XXI, e não como as coisas eram em meados dos anos 1900. Deus me livre de ver minhas filhas internalizando essa ideia patética (isso mesmo, completamente patética em todos os sentidos da palavra) de que o que as faz interessantes é o que os outros pensam ou deixam de pensar sobre elas.

Mesmo assim, muitos me verão como um traidor por escrever este livro mesmo sendo um homem negro. Não vão entender que, em minha visão, estou é prestando um serviço para meu povo. Uma das tragédias mais cruéis de como essa perversão sociopolítica nos faz pensar (ou não pensar) é que essa ideologia afastará muito mais do que alguns poucos leitores negros da compreensão de que este livro é um chamado, uma convocação para que eles sejam tratados com dignidade de verdade. Por outro lado, eles e todo o mundo precisam saber: *estou ciente de que há uma chance muito maior de que leitores brancos deem atenção para opiniões como essas caso sejam escritas por um negro, então considero nada menos do que meu dever como negro escrever este livro.*

Uma versão deste mesmo texto escrito por um autor branco seria considerada racista e alegremente descartada. Certa parte da audiência apontará que eu sinto ódio por mim mesmo, mas, sendo bem sincero, acho que falarão só da boca para fora. Qualquer um que ler até o fim verá que, independentemente de minhas características, ódio por mim ou vergonha de minha cor não faz parte delas. E sigamos em frente.

1

Que tipo de  
gente?



**V**erão de 2020. Estou aqui escrevendo este livro, e fico sabendo que Alison Roman, uma jornalista de gastronomia do *New York Times*, está cancelada. É de se perguntar o que uma colunista gastronômica poderia fazer para acabar temporariamente afastada de suas funções. O pecado de Roman foi ter criticado vagamente, numa entrevista, duas pessoas por comercialismo: a modelo e colunista gastronômica Chrissy Teigen e a *coach* de estilo de vida Marie Kondo. Roman foi atacada pela turba do Twitter por ter tido a audácia, como uma mulher branca, de criticar duas mulheres não brancas.

Teigen é meio branca e meio tailandesa, e Kondo, uma cidadã japonesa. Nenhuma das duas é o que tipicamente se considera pessoa não branca no que diz respeito à condição histórica e estruturalmente desprivilegiada. Mesmo assim, em 2020, o simples fato de uma moça branca criticar não apenas uma, mas duas (pelo visto, a pluralidade fez pender a balança) pessoas não brancas justificava a humilhação nas redes sociais e a impedia de trabalhar. Roman, como uma pessoa branca, estava supostamente depreciando pessoas “oprimidas” — leia-se duas mulheres muito ricas, bem-sucedidas e muitíssimo mais famosas do que ela. A branquitude dela sobrepujava tudo isso, foi o que nos disseram.

Roman, agora ciente desse tipo de acontecimento, engoliu em seco e, na declaração que emitiu, pediu desculpas e disse que havia refletido e percebido seu erro. Teigen chegou até a afirmar que achava que Roman não merecia as represálias. Mas não faz diferença — esse tipo de fúria, que assume um tom “antirracista”, agora tem um poder supremo na moral pública, e por isso Roman merecia ser linchada diante de todos. Sua página na Wikipédia sempre incluirá um alerta do tamanho de

um *outdoor* avisando que ela foi considerada racista, mesmo que a maior parte do país provavelmente nem ache que esse tratamento fosse merecido, e apesar de algo assim jamais ter chance de acontecer até bem poucos anos atrás. Depois, ela acabou saindo permanentemente do *Times*.

*Que tipo de gente faz coisas assim? Por que essas pessoas não sofrem consequência alguma? Vamos deixar que continuem com isso?*

\* \* \*

NO MESMO ANO, LESLIE NEAL-BOYLAN PERMANECEU por apenas alguns meses como diretora do departamento de enfermagem da University of Massachusetts Lowell. O problema foi que, após pronunciamentos que varreram o país em decorrência do assassinato de George Floyd por policiais, a diretora Neal-Boylan teve a petulância de escrever este texto extremista e preconceituoso para seus colegas e funcionários:

Escrevo para expressar minha preocupação e meu repúdio aos recentes (e antigos) atos de violência contra pessoas não brancas. O que aconteceu evoca uma história trágica de racismo e ódio que continua a prosperar neste país. Temo por nosso futuro como nação caso não nos posicionemos contra a violência a qualquer um. VIDAS NEGRAS IMPORTAM, mas, além disso, TODAS AS VIDAS IMPORTAM. Ninguém deveria viver com medo de se tornar alvo por sua aparência ou suas crenças.

Certo grupo decidiu interpretar que, ao dizer que “todas as vidas importam”, Neal-Boylan concordava com aqueles contrários ao slogan “Vidas Negras Importam”, como se o movimento BLM (Black Lives Matter) de certa forma afirmasse que vidas negras importam *mais*. No entanto, apenas alguém que não sabe ler muito bem extrairia essa interpretação. Ela começou a declaração lamentando a “história trágica de racismo e ódio”, e não, não no sentido de que isso é algo que ficou no passado e que os negros precisam deixar para lá; porque ela também escreveu que o racismo e o ódio “continuam a prosperar neste país”.

No entanto, já que o texto incluía as quatro palavras “todas as vidas importam”, reportaram-na para os chefes, e sem demora ela foi demitida sem nem chance de se defender. Por que o e-mail de Leslie Neal-Boylan a transformava em alguém incapaz de supervisionar uma equipe dedicada a curar e confortar pessoas? Eis uma pergunta que qualquer criança se faria — assim como um viajante do tempo vindo de uma época tão recente quanto 2015. Mas, de alguma forma, os críticos de Neal-Boylan tinham essa autoridade.

*Que tipo de gente faz coisas assim? Por que essas pessoas não sofrem consequência alguma? Vamos deixar que continuem com isso?*

\* \* \*

TAMBÉM NO MESMO ANO, 2020, DAVID SHOR, analista de dados de uma progressista empresa de consultoria, perdeu o emprego. Ele havia publicado no Twitter um estudo feito por Omar Wasow, um professor negro de ciências políticas de uma prestigiosa universidade, que mostrava como os violentos protestos do movimento negro durante os longos e quentes verões do fim dos anos 1960 tinham mais propensão do que os não violentos de fazer os moradores locais votarem em candidatos de direita. A intenção de Shor não foi celebrar essa informação, mas disseminar os fatos como uma notícia nada agradável, uma realidade avidamente escondida pela imprensa libertária pouco antes.

Certos grupos do Twitter, porém, não gostaram de ver um homem branco postando algo que poderia ser considerado uma crítica aos protestos motivados pelo assassinato de George Floyd. A empresa não deixou passar batido e expulsou Shor.

*Que tipo de gente faz coisas assim? Por que essas pessoas não sofrem consequência alguma? Vamos deixar que continuem com isso?*

## **Que tipo de gente faz coisas assim?**

Todos esses casos aconteceram por influência de um modo de pensar que podemos denominar como Terceira Onda Antirracista, um movimento

cujos adeptos são mais comumente chamados de “guerreiros da justiça social” ou “lacradores”.

É possível dividir o antirracismo em três ondas, mais ou menos como acontece com o feminismo. Nos Estados Unidos, por exemplo, a Primeira Onda Antirracista batalhou contra a escravidão e legalizou a segregação. A Segunda Onda Antirracista, nos anos 1970 e 1980, batalhou contra atitudes racistas e ensinou que ser racista é uma falha moral. A Terceira Onda Antirracista, que se popularizou nos anos 2010, ensina que, já que o racismo é uma parte intrínseca da sociedade, a “cumplicidade” das pessoas brancas é, por si só, racismo, ao passo que para pessoas negras tudo o que há para se fazer é lutar contra o racismo que as cerca e lidar com o preconceito de forma extremamente sensível, o que inclui uma suspensão no critério de conquistas pessoais e conduta.

Sob esse paradigma, todo aquele considerado insuficientemente consciente de que *existir como pessoa branca* carrega uma culpa eterna deve receber o ostracismo e a mais amarga das condenações. Isso chega a um nível tão obsessivo e abstrato que deixa a maior parte de quem vê tudo de fora tentando entender, pessoas mais à esquerda se perguntando quando e por que começaram a ser classificadas como retrógradas, e milhões de inocentes morrendo de medo de acabar na mira de uma inquisição zelosa que parece pairar sobre praticamente qualquer fala, ambição ou conquista na sociedade moderna.

Sim, pode ser que alguém se pergunte o motivo de eu considerar um problema tão grande que alguma colunista de gastronomia, diretora de faculdade ou analista de dados tenha a vida arruinada por esse movimento. Mas estou escrevendo a respeito de algo que não acontece apenas com alguns poucos azarados, mas que opera nos alicerces e no tecido da sociedade. Ninguém sabe quando ou como o proselitismo da Terceira Onda Antirracista poderá atingi-lo de repente.

É algo que está fazendo pessoas inocentes perderem o emprego. Que está afetando a pesquisa acadêmica, atrapalhando-a e, às vezes, até mesmo sufocando-a como uma erva daninha. É algo que nos obriga a transformar grande parte de nossas discussões públicas urgentes em discursos vazios que qualquer criança de dez anos consegue identificar

como papo-furado. A esse respeito, Ibram X. Kendi, o guru da Terceira Onda Antirracista, escreveu um livro sobre como educar crianças antirracistas intitulado *Antiracist Baby*. Isso e várias outras coisas são um sinal de que a Terceira Onda Antirracista nos obriga a fingir que qualquer teatrinho é política, a passar incontáveis horas ouvindo baboseiras apresentadas como conhecimento, e a fingir que estamos gostando.

Muitos universitários e professores escrevem para mim e para meu parceiro de podcast, o economista Glenn Loury, com medo de que essa nova ideologia arruine suas carreiras, seus departamentos ou campos de atuação, assim como para outras organizações também, e quase sempre usando e-mails particulares para evitar uma possível exposição por alguém das instituições para as quais trabalham. Pessoas em posições de poder estão constantemente sendo removidas de seus cargos por acusações e petições afirmando que elas não são antirracistas o suficiente. Conselhos de escolas por todo o país vêm forçando professores e administradores a perderem tempo inculcando antirracismo nos currículos, uma prática que faz tanto sentido quanto qualquer coisa proposta durante a Revolução Cultural Chinesa. Você sabia que ser objetivo, não se atrasar e a palavra escrita são coisas de “branco”? E sabia que se isso lhe parecer esquisito, então você faz parte da mesma laia de George Wallace, Bull Connor e David Duke?<sup>1</sup>

Em 2008, Christian Lander escreveu em *Stuff White People Like*, com seu humor ácido, que “ficar ofendido” é algo que certo tipo de “branco” gosta, junto com festivais de cinema e camisetas *vintage*.

---

1 George Corley Wallace Jr. foi um político estadunidense, governador do Alabama e candidato à presidência em 1968. Membro do Partido Democrata, ele é mais lembrado por suas convicções segregacionistas e populistas. Theophilus Eugene “Bull” Connor foi um político americano que serviu como Comissário de Segurança Pública da cidade de Birmingham, Alabama, por mais de duas décadas. Membro do Partido Democrata, ele se opôs fortemente ao Movimento dos Direitos Civis na década de 1960. David Ernest Duke é um supremacista branco, libelo antisemita, político de extrema direita, criminoso condenado e antigo Grand Wizard dos Cavaleiros da Ku Klux Klan americana. De 1989 a 1992, ele foi um membro da Câmara dos Representantes de Luisiana pelo Partido Republicano.

Pouco mais de uma década depois, lê-se esse mesmo capítulo com medo de que o tipo de pessoa a quem Lander se referia dê uma espiadinha, veja o que está escrito e comece uma palestra irritadíssima a respeito de como não há nada de engraçado nas tentativas de desmantelar a supremacia branca e a “cumplicidade” de todos os brancos com essa questão. Se Lander escrevesse aquele livro hoje, provavelmente não incluiria a tal piada, o que já é um indício da gravidade do que existe por aí e que só percebemos há pouco tempo. Uma enorme parte do público a que ele se dirigia já não se orgulha mais discretamente de como é esclarecida por saber que certas coisas são ofensivas, mas agora enxerga como um dever escorraçar e excluir aqueles que não compartilham desse mesmo nível de sensibilidade.

Para alguns, tudo isso pode parecer algo tão simples quanto uma questão de boas maneiras e educação. Mas a Terceira Onda Antirracista também prejudica diretamente os negros em nome de seus impulsos norteadores. A Terceira Onda Antirracista insiste que é “racista” o fato de que os garotos negros são maioria nos dados de jovens suspensos ou expulsos de escolas por violência, o que, analisando de um ponto de vista político, está documentado como o motivo pelo qual a violência persiste nos colégios e reduz as notas dos alunos. A Terceira Onda Antirracista insiste que é “racista” o fato de que há poucos jovens negros nas escolas de Nova York que exigem boa performance em testes padronizados de admissão, e pedem para que essas provas sejam erradicadas, e não para que direcionemos os alunos negros para alternativas (muitas delas gratuitas) em que é possível praticar o questionário e restabeleçamos programas que enviaram alunos negros superdotados para essas mesmas escolas pouco tempo atrás. Que isso resultará numa educação inferior nas escolas e em alunos negros menos preparados para exercitar a capacidade mental exigida pelos testes que encontrarão mais para a frente é irrelevante.

A Terceira Onda Antirracista, imersa nessa hipersimplificação do que o racismo é e do que deve ser feito a respeito dele, não se importa de prejudicar pessoas negras em nome de algo que só podemos chamar de dogma.

Por exemplo, a Terceira Onda Antirracista é profundamente movimentada por princípios que, escritos sem rodeios e contestados por argumentos simples, não se sustentam:

<p>1. Quando um negro disser que você o ofendeu, peça desculpas com extrema sinceridade e remorso.</p>	<p>Não delegue a um negro a responsabilidade pelo perdão que você espera receber. Ele já lidou com muitas coisas para passar por isso.</p>
<p>2. Não deduza que todos os negros, ou até mesmo a maioria deles, gostam de hip-hop, dançam bem e por aí vai. Pessoas negras são um conglomerado de indivíduos independentes. "Cultura negra" é um código para "costumes de gente pobre e primitiva".</p>	<p>Não espere que os negros se igualem às normas sociais "brancas", porque eles têm sua própria cultura.</p>
<p>3. Ficar em silêncio diante do racismo é uma forma de violência.</p>	<p>Faça com que a voz dos oprimidos seja mais alta do que a sua.</p>
<p>4. Você deve se esforçar eternamente para entender as vivências das pessoas negras.</p>	<p>Você nunca entenderá o que é ser um negro, e se acha que entende, então é racista.</p>

<p>5. Demonstre interesse pelo multiculturalismo.</p>	<p>Não cometa apropriação cultural. Você não tem direito ao que não compõe sua cultura, portanto, é melhor não experimentar, nem fazer.</p>
<p>6. Apoie negros a terem seus próprios espaços e fique de fora deles.</p>	<p>Procure ter amigos negros. Se não tem nenhum, você é racista. E se falar que tem, é bom que sejam amigos de verdade, já que você está ocupando espaços pessoais deles em que não deveria entrar.</p>
<p>7. Quando brancos se mudam de bairros com maioria negra, é evasão branca.</p>	<p>Brancos se mudando para bairros de maioria negra é gentrificação, mesmo que estejam pagando generosamente aos proprietários negros do imóvel.</p>
<p>8. Se você é branco e namora só pessoas brancas, é racista.</p>	<p>Se você é uma pessoa branca e namora uma pessoa negra, então está, mesmo que inconscientemente, exotizando um "outro".</p>
<p>9. Os negros não podem levar a culpa por tudo o que cada negro faz.</p>	<p>Todos os brancos devem reconhecer sua culpa pessoal na maldade cometida pela "brancitude" no decorrer da história.</p>



<p>10. Alunos negros devem ser aceitos em escolas através de cotas e políticas sociais para garantir um número representativo e fomentar visões plurais nas salas de aula.</p>	<p>É racista deduzir que um aluno negro entrou em certa escola via cotas, e é racista esperar que ele represente pontos de vista “diversos” nas discussões em sala de aula.</p>
--	---

Suspeito que, lá no fundo, a maioria saiba que nada nesse Catecismo de Contradições faz sentido algum. O que é menos óbvio é que nada disso foi composto pensando em lógica.

A ideia é encontrar um equilíbrio entre os extremos? Mas acontece que as pessoas promulgando essa ladainha racial jamais permitiriam que isso acontecesse. Uma forma de sabermos disso é que, ao longo de várias décadas, os propagadores nunca o fizeram. A outra forma é mais direta: simplesmente não existe um “meio-termo” lógico a ser encontrado entre essas opções. Ninguém conseguiria desempenhar qualquer um dos pares delas ao mesmo tempo.

E por que tantas pessoas sábias elevam esses dogmas ao nível de sabedoria? A razão não tem como ser lógica, porque não é possível encontrar lógica nessa questão. O motivo é que esses dogmas servem a um propósito diferente daquele a que supostamente deveriam servir.

No caso, cada componente por si só serve para condenar os brancos como racistas. Pedir desculpas evidencia o racismo da pessoa; recusar-se a pedir desculpa também evidencia racismo. Não se interessar por programas de TV sobre a cultura negra evidencia racismo; meter-se na cultura negra e decidir que você também quer fazer rap ou usar *dreads* evidencia seu racismo da mesma forma. A revelação do racismo é, por si só, o objetivo, a intenção desse tipo de conteúdo. E como tal, o fato de que, se pensarmos um pouco, os dogmas se anulam mutuamente é considerado trivial. Que eles sirvam para seu

verdadeiro objetivo de revelar as pessoas como intolerantes é primordial — e até, digamos, sagrado.

Esses princípios servem especificamente ao propósito de manifestar o polo central, o grito de guerra guia, da religião da Terceira Onda Antirracista. Isso raramente é dito em alto e bom som, mas com certeza direciona a perspectiva de seus adeptos quanto à existência e à moralidade.

Por excelência, o lema da Terceira Onda Antirracista seria o seguinte:

Batalhar contra as relações de poder e seus efeitos discriminatórios deve ser o principal foco de toda diligência humana, seja ela intelectual, moral, cívica ou artística. Quem resistir, ou até mesmo demonstrar uma adesão insuficiente a essa ideia, deve ser firmemente condenado, proibido de exercer influências e ostracizado.

Esse foco rígido em batalhar ideais diferentes através do poder pode parecer uma perspectiva estranhamente específica. Claro, sabe-se que há quem abuse do poder para criar sofrimentos sem fim. Uma sociedade esclarecida deve sempre lidar com esse fato e tentar mudá-lo. Por outro lado, levando em consideração os milhões de outras coisas que constituem a vida e as diligências humanas, impor que desmantelar o desequilíbrio nas dinâmicas de poder deve ser o *objetivo principal de todo e qualquer empreendimento no que chamamos de vida* é um posicionamento radical.

Comecei a deparar com essa visão de mundo no início de minha carreira acadêmica, e demorei bastante para perceber que os vários conflitos que eu encontrava em meu trabalho com linguística (e raças também) eram variações do mesmo problema. As ciências humanas e sociais na academia há um bom tempo têm abrigado muita gente que vê como meta de suas disciplinas a Luta contra o Poder. Lembro-me da primeira vez que presenciei algo assim, quando uma aluna deu uma palestra a respeito de *Minha Bela Dama* (*My Fair Lady*, no título original) na qual destacou como Higgins fala mais do que Eliza e, logo, detém o poder da narrativa. *Quem está falando?*, ela nos ensinou a perguntar. Esta perspectiva é certa, claro, mas parte de mim não conseguia entender direito a insinuação geral de que saborear a música e

o humor de *Minha Bela Dama* é ser enganado, que alguém esclarecido desprezaria a obra como a história de uma mulher de classe baixa brutalmente reprimida por um velhusco intimidante e culto.

Todavia, naquela época, esse tipo de análise era uma visão da minoria. Jornalistas alarmistas retratavam os *campi* de faculdade como lugares tomados por professores radicais, mas era exagero. Na época, esse tipo de ideologia era um de muitos pratos que as pessoas experimentavam no bufê da universidade. O problema é que, hoje, esse modo de pensar reduutivo, acusatório e, em última análise, desprovido de alegria está, na verdade, tomando conta não apenas da cultura universitária, mas da cultura de um modo geral.

Em todo caso, uma das maiores disparidades de poder da nossa sociedade é a condicionada pelo racismo. É esse comprometimento religioso no melhor estilo Salem a “combatê-lo” que fez as excomunhões de Alison Roman, Leslie Neal-Boylan e David Shor parecerem lógicas para tanta gente perfeitamente sã.

Claro, o Catecismo de Contradições da “questão racial” não faz sentido algum, mas, por outro lado, a Bíblia também não faz. Para a Terceira Onda Antirracista, o que nossa sociedade deve fazer acima de tudo é tachar os brancos como racistas e demonstrar que sabemos que eles são racistas. Qualquer dissonância cognitiva que isso gere não é “o que precisa entrar em pauta”, porque o antirracismo é tudo — *quer tenha lógica, quer não*.

## **Por que essas pessoas não sofrem consequência alguma?**

As afirmações e exigências da Terceira Onda Antirracista, a distância, parecem uma performance excêntrica de gente que queria não ter perdido o final dos anos 1960, de pessoas se martirizando por tanto do esforço básico já ter sido feito. Em meio à busca furiosa por justiça e por um senso acalentador de propósito e de comunidade, seus exageros e até mesmo suas falácias se tornam inevitáveis, porque as circunstâncias reais simplesmente não justificam as atitudes e estratégias de 1967.

Num universo alternativo, essa gente seria tão importante quanto os Yippies<sup>2</sup> foram nos Estados Unidos, com a maconha na “bandeira”, tentando fazer o Pentágono levitar e jogando torta na cara das pessoas. Eles eram um movimento marginal que conseguia atrair olhares por um momento e às vezes até chamar atenção para alguma questão. Mas não tinham importância alguma no grande esquema das coisas, o que fazia sentido. A diferença é que a Terceira Onda Antirracista dos dias de hoje tem uma arma específica em seu arsenal que lhe empresta um poder descomunal e muito mais impactante do que uma torta.

Ironicamente, a arma é tão letal por causa da genuína e inestimável mudança que ocorreu em nosso tecido sociopolítico no decorrer das últimas décadas. Essa mudança é que, para o indivíduo moderno, ser chamado de racista é quase o mesmo que ser chamado de pedófilo. Muitos lutaram para que fosse assim, e poucos de nós iriam querer que não tivesse sido desse modo. Mas o problema é que a Terceira Onda Antirracista agora está surfando nessa onda. Uma parte essencial do kit de ferramentas dos militantes desse movimento é chamar quem discorde deles de racista, ou então o mais importante termo do momento: “supremacistas brancos”. De algum jeito, esse tipo de denúncia consegue perdurar. Aprendemos que negar é confirmar. Depois de a acusação ser lançada, é como ficar preso nos tentáculos de um polvo gigante. A torta, pelo menos, é possível limpar do rosto.

Não precisamos supor que a Terceira Onda Antirracista faz isso de forma cínica para acumular poder. É só olhar ou escutar aquele membro da família, vizinho ou colega de trabalho que sabemos que pensa assim e se perguntar se ele realmente dá algum indício de ser ávido por poder. A Terceira Onda Antirracista genuinamente tem repulsa pelo racismo, assim como a maioria de nós. Seus militantes também buscam muito mais em nome dessa questão que parece

---

2 O Partido Internacional da Juventude (*Youth International Party*), cujos membros eram comumente chamados de Yippies, foi um grupo americano revolucionário e contracultural, desdobramento dos movimentos de liberdade de expressão e antiguerra dos anos 1960.

desesperadamente impraticável, idealista ou só cruel mesmo. Mas em nossas condições atuais, a fragilidade do que defendem não é algo que os atrapalhe. E isso porque eles podem a qualquer momento chamar alguém de racista (e de fato chamam).

E para quase todo o mundo, ser tachado de racista atualmente é tão intolerável que qualquer um preferiria encarar um pouco de dissonância cognitiva e baixar a cabeça. Isso não teria funcionado em, digamos, 1967. Naquele tempo, muitos brancos chamados de racistas por esse tipo de pessoa iriam simplesmente tomar um gole de sua bebida e dizer: “Acho que não, hein!”. Ou até mesmo: “Vá se ferrar!”. Hoje — e ironicamente devido ao progresso —, as coisas estão diferentes. Agora quase todos chegam a se encolher de desespero diante da possibilidade de serem expostos como intolerantes. Logo, por estar sempre pronta para gritar “racista!” em qualquer lugar, a Terceira Onda Antirracista nos supera apenas com essa arma, e nada mais. Mesmo que a filosofia de seus adeptos, em geral, esteja longe de ser essa perfeição sagrada que eles insistem em dizer que é, tudo o que podem e vão fazer para defendê-la nos deixa apavorados e trêmulos. E é assim que eles ganham.

As pessoas empunhando essa ideologia e assistindo a sua influência se espalhar cada vez mais se encontram sob a genuína impressão de que estão moldando o progresso, de que a razão e a modalidade estão florescendo. Acontece que a sociedade vem mudando não por causa de um crescente consenso na sofisticação moral. O que está acontecendo é muito mais rudimentar: a sociedade está mudando por medo... o medo de uma criança encolhida diante da ameaça de um tapa dos pais bravos, de um servo acovardado perante a ameaça de uma chicotada. Os pronunciamentos de solidariedade vindos de aparentemente todas as organizações institucionais, as *selfies* nas redes sociais de pessoas “fazendo sua parte” ao ler *Fragilidade branca*, qualquer um que finja ponderar sobre a ideia de que a ciência precisa dar um passo para trás e diminuir a exigência de raciocínios rigorosos para “se abrir” a perspectivas mais “diversas” — tudo isso é resultado não de uma evolução, mas de puro terror. Viramos uma nação de gente esperanta afirmando que “entende” enquanto se mijam nas calças.

Não é bonito, mas é a realidade. A Terceira Onda Antirracista explora o medo da sociedade moderna de ser considerada racista para promulgar não apenas o antirracista, mas um tipo de reprogramação cultural obsessivo, egoísta, totalitário e absolutamente desnecessário. É possível perdoar quem pense que esse teatrinho é uma continuação dos esforços do movimento dos Direitos Civis de outrora, o único tipo de antirracismo que poderia existir. Seus adeptos, agora situados nas mais prestigiosas e influentes instituições do planeta, pregam com uma indignação tão desdenhosa que, em seus melhores dias, podem parecer muito “corretos”.

## Vamos deixar que continuem com isso?

A pergunta é: vamos nos submeter e pagar para ver? Ou deixaremos claro que a concepção dessa gente de uma “branquitude” alienígena, maldosa e sangrenta, de sua concepção simplista do que significa ser “negro”, no cruel “nós *versus* eles” com que acham que a sociedade funciona, como se ainda fôssemos bandos de australopitecos rivais, é terrivelmente semelhante às noções de raça defendidas por Hitler?

\* \* \*

MUITAS RESENHAS IRÃO CONSIDERAR QUE ESTE LIVRO aborda algo pouco importante. Mas se isso for verdade, por que você o está lendo? E a resposta é a seguinte: essa religião começou a te enlouquecer, e agora você quer saber o que diabos é esse movimento e o que fazer a respeito.

Você entende a Primeira Onda Antirracista e considera a segregação uma barbárie ancestral.

E é isso mesmo.

Você entende a Segunda Onda Antirracista — que mais ou menos equivale ao que Gloria Steinem e Betty Friedan fizeram pelo feminismo — e acredita que todos devemos nos esforçar de verdade para ver os negros com igualdade e entender que eles merecem tudo o que os brancos recebem.

E é isso mesmo.

Você vê a Terceira Onda Antirracista dizendo que pessoas comuns são moralmente obrigadas a compreender afirmações que antigamente eram consideradas progressivas, como “não vejo a cor”, como racista. Que se você for branco, é sua obrigação se menosprezar e se considerar manchado pelo “privilégio branco” em tudo o que fizer. Que você deve aceitar até mesmo alegações de racismo vindas de negros mesmo que não faça sentido algum, ou então, se você for negro, é obrigado a fingir que tais alegações são sacrossantas porque a opressão é a essência de sua vida.

Não importa qual seja a sua cor; em nome do reconhecimento do “poder” é preciso dividir o povo em classes raciais, do mesmíssimo jeito que a Primeira e a Segunda Onda Antirracista ensinaram a não fazer. Essa divisão persiste, impregnando a educação de seus filhos e netos, apesar dos notáveis avanços no combate ao racismo nas últimas cinco décadas. Até mesmo um segregacionista fervoroso do passado, se fosse ressuscitado e conduzido pelo mundo moderno *afora mesmo nos recantos mais tradicionais, teria dificuldade em conter seu desgosto e sentiria vontade de parar à beira da estrada e vomitar diante do que teria diante de si.*

E, mais uma vez, *é isso mesmo.*

Você se pergunta o que será essa nova coisa que é preciso reverenciar nas reuniões de pais e professores, ou quando abre sites que antes eram suas fontes favoritas, ou quando escuta as chamadas dos ouvintes na rádio, ou quando se inscreve no “treinamento de diversidade” no trabalho que não leva a nada a não ser à repetição de mantras vazios, ou quando se mantém calado se alguém em algum evento agradável com você e seus filhos casualmente detona algum autor com o qual você sempre concordou.

Tudo isso incomoda como um cílio preso atrás de uma lente de contato. Eles insistem que autoflagelo é ativismo político — *errado*. Insistem que ser negro não é nada além de uma constante opressão vinda do homem branco — *errado*. Que pessoas negras, como um povo, trabalham sob a ameaça de voltarem a ficar sem seus direitos porque

os Republicanos tentam fazer com que os negros votem menos para reduzir os resultados dos Democratas, apesar de as mulheres negras terem sido fundamentais para a eleição de Joe Biden para presidente dos Estados Unidos, juntamente com uma vice-presidente negra. *Errado*. E mesmo assim, quem se arrisca a qualquer questionamento ainda que genuíno é tachado como racista nas redes sociais.

Você, negro ou não, não está fora de si por perceber que esse papo-furado perfumado não se sustenta. E seu trabalho é aprender a tapar os ouvidos contra o que parece um jiu-jítsu verbal vindo daqueles cujo senso de importância tem como alicerce negar a razão e ensinar pessoas que já passaram por coisas o bastante a construírem identidades em torno de um senso estudado de vitimização.

Claro, eles dizem que estão atrás de “justiça social” e, com isso, afirmam que o restante de nós está resistindo à justiça social. Mas não se engane. Eles usam esse termo para se referir a uma definição própria muito específica e questionável do que a justiça social é, e, dessa forma, nos perguntar se somos “contra a justiça social” se qualifica como uma jogada baixa do mesmo nível de questionar um homem se ele “continua batendo na mulher”.

\* \* \*

PRECISAREMOS DE UM RÓTULO MAIS CERTEIRO PARA esses indivíduos problemáticos. Não os chamarei de “guerreiros da justiça social”. Esse e outros títulos como “lacradores” tiram a seriedade dos assuntos. Uma das ideias que quero conseguir transmitir com este livro é que a maioria dessas pessoas não é fanática. Elas são, num geral, pessoas boas. Seu vizinho, seu amigo e possivelmente até mesmo seus filhos. São diretores de escola simpáticos, funcionários de editoras discretos, amigos advogados. Ávidos leitores, bons cozinheiros, músicos. A questão é que, infelizmente, eles se transformam, apenas no que diz respeito a esta pequena e impactante gama de questões, em inquisidores.

Pensei em chamá-los de Inquisidores. Mas seria cruel demais. E não tenho interesse em crueldade; quero me afastar dessa gente para



que possamos seguir em frente de verdade. O que eu quis fazer foi uma metáfora precisa — essa ideologia impede diretamente o progresso.

O autor e ensaísta Joseph Bottum encontrou um termo adequado que adotarei aqui: vamos chamar essas pessoas de Eleitos. Eles realmente acham que são os portadores de um conhecimento que lhes é de direito por uma infinidade de motivos: talvez uma inclinação movida pela empatia, experiência de vida e até mesmo inteligência. Mas também se veem como os escolhidos, como pessoas que, por um ou mais desses fatores, compreendem algo que a maioria não entende. “Os Eleitos” serve para insinuar certa presunção, o que, infelizmente, é uma representação precisa. E também desafia as pessoas em questão a pensarem se elas realmente se veem como superiores nesse quesito. Claro, a maioria resistirá à acusação. Porém, com ela pairando por aí e vertendo ironia, talvez esses indivíduos se sintam motivados a mostrar o contrário, o que, com o tempo, talvez condicione pelo menos alguns a ponderar sobre os excessos dessa filosofia — assim como depois dos anos 1980 muitos começaram a deixar de se identificar como sendo “politicamente corretos demais”.

Todavia, acima de tudo, denominar essas pessoas como Eleitos infere certo ar de antiguidade, como algo do tipo *O Código Da Vinci*. O que é apropriado, já que a visão que eles consideram, de fato, sagrada é diretamente equivalente às visões nas quais as pessoas séculos antes de nós acreditavam tão fervorosamente quanto os Eleitos de hoje. A Igreja Católica medieval defendia com ardor a perseguição de judeus e muçulmanos por razões que hoje em dia compreendemos estarem enraizadas em facetas inferiores do ato de ser humano. Espontaneamente “excluímos” esses inquisidores do passado, mas aqui e agora deparamos com gente que nutre missões exatamente assim, só que contra pessoas diferentes.

Em 1500, o problema era não ser cristão. Em 2020, é não ser antirracista o *suficiente*, com adendos que supõem que essa ideia é uma causa mais intelectual e moralmente avançada do que a antipatia por alguém que seja católico, judeu ou muçulmano. Eles não percebem que estão também perseguindo as pessoas que não aderem à sua religião.

Alguns exemplos de como usaremos esse termo:

Quem nos confunde e machuca são os *Eleitos*.

Quem nos ameaça é um *Eleito*.

Temos que aprender a identificar se alguém é *Eleito*. Será que ele é *Eleito*?

Ele disse algo típico dos *Eleitos*? Fique atento, e se ele disser mais coisas no estilo *Eleito*, afaste-se.

Ele bancou o *Eleito* para cima de mim.

Aquela gente estava metida com esse papo de *Eleito*.

O “eleitismo”, é claro, manifesta-se em diferentes graus. Há ideólogos *Eleitos* particularmente abusivos. Alguns se sentem confortáveis desmoralizando os outros pessoalmente, ao passo que há aqueles que restringem praticamente toda a maldade às redes sociais. Há ainda os *Eleitos* que não são ativamente cruéis, mas se sentem confortáveis com as máximas do movimento, fundaram suas perspectivas sociopolíticas com firmeza sobre elas e têm dificuldade em se sentir à vontade para interagir socialmente com pessoas que discordem. Eles abertamente permitem que os *Eleitos* abusivos operem com liberdade, e veem essa conduta como uma contrariedade talvez necessária para a meta de iluminação da sociedade em geral.

Neste livro, não desejo insinuar que os *Eleitos* são todos abusivos; a grande maioria não é. Este é um modo de ser que existe em todas as variações do temperamento humano, e não um fanatismo. Fundamentalistas esperam que suas Boas Novas alcancem o mundo inteiro algum dia, mas englobam todos os tipos de identidade, assim como todos os cristãos, muçulmanos e demais denominações. Logo, não devemos imaginar que o *Eleito* é o típico militante. É de se esperar que sejam também indivíduos de sorrisos discretos e doces com algumas crianças, gente que nunca imaginaríamos fazer parte de algo extremista, não empírico e tribalista. Podem até também tocar ukulele enquanto cantam músicas de Odetta e bebericam uísque. E ainda assim, essa mesma pessoa, sem hesitar, assinará uma carta exigindo a demissão ou a humilhação pública de alguém que contrariou a doutrina dos *Eleitos*.

Por isso, ao trabalhar com os *Eleitos*, não podemos ficar atentos apenas aos raivosos. O desafio é exatamente este: eles não são mais

insistentes, arrogantes ou socialmente inaptos do que qualquer um — são apenas pessoas. O problema é o nível de influência que seus adeptos mais hostis passaram a ter sobre os outros devotos menos barulhentos, mas igualmente fervorosos, cuja quantidade crescente e cujos intimidantes termos principais têm o efeito de silenciar quem enxerga essa filosofia como falha, mas não se posiciona em nome daqueles sendo atacados. Os Eleitos estão, em sua grande diversidade, roubando e oprimindo tudo e todos. Isso tem de acabar.

Vamos ouvir que este é um livro “contra o antirracismo” e, logo, racista (e aí vêm os punhos cerrados). Mas, como a maioria de nós é capaz de ver, existe uma diferença entre ser antirracista e ser antirracista de forma hostil: um envolve apedrejar pessoas por coisas que há dez anos seriam consideradas ofensas insignificantes ou até mesmo nada; defender políticas que prejudicam os negros contanto que, ao apoiá-los, você pareça ter ciência de que o racismo existe; fingir que não houve nenhum progresso de verdade quanto ao racismo e, em segredo, quase esperar que não haja, porque isso o privaria da sensação de ter um propósito. Precisamos compreender tais pessoas como adeptas de uma seita chamada os Eleitos.

Sendo mais direto:

*Que tipo de gente faz coisas assim? Fundamentalistas religiosos.*

*Por que essas pessoas nunca sofrem consequência nenhuma? Porque temos medo de nos chamarem de hereges em praça pública.*

*Vamos deixar que continuem com isso? Se quisermos evitar que nossa cultura intelectual, moral e artística seja estrangulada por algo que não é uma questão sociopolítica, mas sim uma religião, não. Os Eleitos estão operando nos alicerces de uma nova religião que emerge diante de nós. O próximo capítulo abordará esse tópico com mais profundidade.*

Não dê atenção a quem diz que essa religião não é importante. Não se engane: essas pessoas estão vindo atrás de seus filhos.

# Leia também



GUSTAVO MAULTASCH

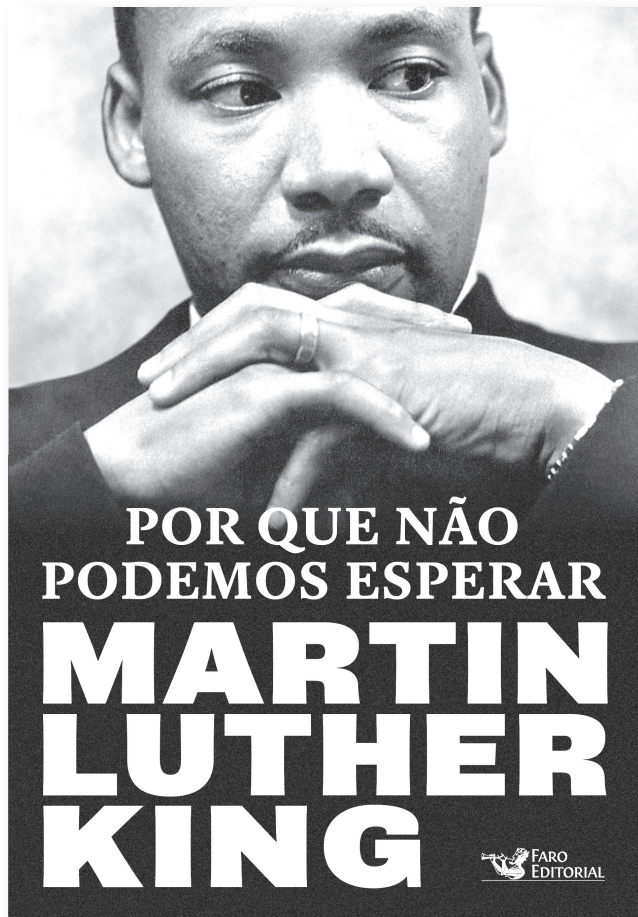
CONTRA

TODA

CENSURA

PEQUENO TRATADO SOBRE A LIBERDADE DE EXPRESSÃO





POR QUE NÃO  
PODEMOS ESPERAR

**MARTIN  
LUTHER  
KING**

 FARO  
EDITORIAL



DAVID  
BADDIEL

"BRILHANTE"  
KEIR STARMEN

JUDEUS

"UMA  
OBRA-PRIMA"  
STEPHEN FRY

"PARTIU  
MEU CORAÇÃO"  
NEIL GAIMAN

NÃO

"CORAJOSO E  
NECESSÁRIO!"  
JONATHAN SAFRAN FOER

"VOCÊ  
PRECISA LER"  
SARAH  
SILVERMAN

CONTAM

"MAGNÍFICO"  
SIMON  
SCHAMA

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**

**CAMPANHA**



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro. **FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!**



**ESTA OBRA FOI IMPRESSA  
EM JANEIRO DE 2024**